

Violência sexual, exploração e morte: o drama de mulheres e menores em rota de refugiados

Crianças e mulheres refugiadas e imigrantes sofrem situações de violência sexual, exploração e abusos ao longo da rota do norte da África à Itália, alerta um novo relatório da Unicef, a agência da ONU para crianças.

([BBC, 28/02/2017 - Acesse o site de origem](#))



Muitas crianças migrantes são detidas em prisões da Líbia./UNICEF/ROMENZI

O documento *A Deadly Journey for Children* (Uma jornada mortal para crianças, em tradução livre) reúne depoimentos de africanos e revela que três em cada quatro crianças contaram terem sofrido agressões e abusos durante a travessia para a Europa.

Além disso, quase metade das mulheres e crianças denunciou abuso sexual, que ocorreu múltiplas vezes e em diferentes locais do trajeto.

“O que acontece com estas crianças durante a viagem realmente chocou a equipe da Unicef e a mim”, afirmou Justin Forsyth, diretor-executivo adjunto da organização.

“Muitas destas crianças foram agredidas, estupradas e mortas durante o trajeto”.

Meninas como Kamis, de 9 anos, que abandonou a Nigéria junto com a mãe. Na costa da Líbia, a família pagou a contrabandistas US\$ 1.400 (R\$ 4.350) pela viagem de barco rumo à Itália.

Complicações da viagem levaram o barco a ser resgatado. Kamis, então, acabou detida e

encaminhada à prisão de Sabratha, na Líbia, onde ficou por cinco meses.

“Eles batiam na gente todos os dias”, contou Kamis aos pesquisadores da Unicef. “Não havia comida nem água”.

“Aquele lugar é muito triste, não tem nada lá”, disse ainda.



Migrante olham por trás das grades em prisão da Líbia; em 2016, mais de 180 mil migrantes cruzaram a Líbia rumo à Itália./UNICEF / ROMENZI

Sua mãe, Aza, conta ter deixado a Nigéria pela falta de emprego, mas não sabia que a viagem seria tão perigosa.

“Não me disseram a verdade. Não me disseram os riscos envolvidos, e as dificuldades que eu iria enfrentar”, afirmou.

Prisões de imigrantes

O governo coordena 24 prisões na Líbia que recebem imigrantes ilegais. Outros grupos armados também detêm imigrantes em pelo menos outros dez locais não oficiais.

“Os centros de detenção que são geridos por milícias que nos preocupam”, disse Forsyth. “Lá é onde muitos abusos estão acontecendo e onde nosso acesso é muito limitado”.

Um policial do governo líbio contou que algumas prisões controladas por milícias recebem dinheiro do governo para comprar mantimentos e roupas aos imigrantes.

“Em Trípoli, uma das milícias mais poderosas é conhecida como Sharikan, e ninguém pode chegar perto das áreas controladas por eles”, conta o policial.

“Eles fingem prender os imigrantes que são ilegais e os mantêm em seus centros por um tempo. Eles tiram o dinheiro deles, e os deixam sem comida ou água. Depois, levam-nos a Garanulli, onde balsas estão à espera”.

“Não temos poder sobre estas prisões. Não podemos chegar perto pelo risco de sermos mortos”, conta.

Os migrantes tornam-se vítimas de tráfico humano. A maioria são mulheres e crianças, segundo a ONU. Muitas das vítimas acabam forçadas à prostituição.

Rota do Mediterrâneo

Refugiados e imigrantes de países africanos que deixam suas casas rumo à Itália geralmente percorrem um caminho de mil quilômetros cruzando a Líbia, desde o deserto, ao sul, até a costa mediterrânea, ao norte.

Em seguida, atravessam mais de 500 quilômetros pelo mar até a Sicília, no sul da Itália.



Migrantes na Líbia correm o risco de caírem nas mãos de guanges e redes de prostituição./UNICEF / ROMENZI

Ano passado, 4.579 pessoas morreram neste trajeto conhecido como rota de migração do Mediterrâneo Central. Pelo menos 700 crianças estavam entre os mortos, segundo a Unicef.

A rota é controlada por redes criminosas que lucram com o deslocamento de refugiados e imigrantes ilegais.

A maioria das mulheres – segundo o relatório – disse ter pago contrabandistas no início da viagem, contraindo dívidas e ficando mais vulneráveis a abusos e tráfico de pessoas.

“Crianças não deveriam ser forçadas a colocar suas vidas nas mãos de contrabandistas porque simplesmente não há alternativas”, cobrou Afshan Khan, diretor regional da Unicef e coordenador especial da Resposta à Crise de Refugiados na Europa.

Os pontos de controle nas fronteiras da Líbia estão entre as áreas mais perigosas, onde a “violência sexual se tornou generalizada e sistêmica”, diz o relatório.

Mais de um terço das mulheres e crianças entrevistadas disse que os abusadores usavam uniformes ou pareciam associados a alguma força armada. Por isso, a maioria não denunciou os abusos a autoridades.

As histórias de estupro e escravidão sexual se tornaram tão comuns que algumas meninas e mulheres que se aventuram na jornada já tomam precauções, como levar injeções contraceptivas ou levar pílulas de contracepção de emergência com elas.

Crianças desacompanhadas

Em 2016, mais de 180 mil migrantes cruzaram a Líbia rumo à Itália. De acordo com a ONU, 26 mil eram crianças, a maioria desacompanhada.

Issaa, de 14 anos, saiu sozinho da Nigéria há dois anos e meio, mas também acabou numa prisão na Líbia.

“Meu pai juntou dinheiro para a minha viagem, desejou boa sorte e me deixou ir”, contou aos pesquisadores.

“Queria cruzar o mar, buscar emprego, e trabalhar duro para ganhar algum dinheiro e ajudar meus cinco irmãos que ficaram em casa”.

A Unicef cobra mais esforço de organizações para proteger as crianças na Líbia e nos países vizinhos. Uma iniciativa regional, diz o relatório, incluiria um melhor registro de nascimento, a prevenção do tráfico, caminhos seguros e legais para as crianças que fogem de conflitos armados e, quando apropriado, o reagrupamento familiar.

71% das vítimas de tráfico humano são mulheres e meninas

Relatório do Unodc destaca que a maioria é traficada para casamento ou escravidão sexual, enquanto homens e meninos são vítimas do trabalho forçado; Brasil registrou 2,659 vítimas de tráfico humano em 2013.

(Rádio ONU, 21/12/2016 - acesse no site de origem)

O Escritório da ONU sobre Drogas e Crime, Unodc, divulgou nesta quarta-feira um relatório sobre tráfico humano. O documento revela que as crianças representam um terço das vítimas.

Juntas, mulheres e meninas formam 71% das pessoas traficadas mundialmente e a maioria acaba sendo vítima de casamentos forçados ou de escravidão sexual. Por outro lado, homens e meninos são explorados para o trabalho forçado, principalmente para o setor de mineração, ou obrigados a atuarem como soldados ou escravos.

Brasil

O tráfico para a remoção de órgãos é também uma realidade em muitos países. Em regiões como a África Subsaariana, a América Central e o Caribe, as crianças representam mais de 60% das vítimas de tráfico humano.

O relatório do Unodc traz alguns dados sobre o Brasil, com números apresentados pelo governo. No ano de 2012, o país detectou 3.727 vítimas de tráfico humano e em 2013, foram 2.659 vítimas de exploração sexual ou trabalho forçado.

Também em 2013, as autoridades brasileiras condenaram 36 pessoas pelos crimes. O Unodc destaca que foi sancionada recentemente uma lei de combate ao tráfico de pessoas no país.

Migração e Refúgio

O diretor-executivo do escritório da ONU revela que as pessoas que escapam de guerras ou perseguições estão mais vulneráveis ao tráfico humano. Yury Fedotov cita como exemplo o aumento no número de vítimas da Síria, desde o início do conflito no país.

A ativista Nadia Murad é mencionada no relatório, já que foi prisioneira dos terroristas do Isil, ao lado de milhares de mulheres da minoria yazidi do Iraque. Atualmente, a iraquiana é Embaixadora da Boa Vontade do Unodc para a Dignidade dos Sobreviventes de Tráfico Humano.

Recomendações

O levantamento do Unodc destaca que os traficantes e as vítimas muitas vezes são da mesma região, falam a mesma língua ou têm a mesma etnia. Entre 2012 e 2014, foram registrados mais de 500 fluxos de tráfico humano, como vítimas da África que foram enviadas para cerca de 70 países.

O Unodc comemora o fato de que 158 países já criminalizaram o tráfico humano, o que é “um grande avanço desde 2003, quando apenas 18% dos países tinham leis a respeito”.

O Escritório da ONU sobre Drogas e Crime destaca, entretanto, que são necessários mais recursos para identificar e auxiliar as vítimas do tráfico de pessoas e melhorar a resposta da Justiça em relação à investigação e à condenação dos responsáveis por esses crimes.

Leda Letra

Unodc faz apelo a todas as nações pelo fim do tráfico humano

Diretor da agência da ONU, Yuri Fedotov, espera que países implementem a Convenção sobre o Crime Organizado Transnacional; 79% das vítimas são mulheres e crianças.

(Rádio ONU, 18/10/2016 - acesse no site de origem)

O diretor-executivo do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, Unodc, está fazendo um apelo a todos os países do mundo, para que reforcem a luta contra traficantes de pessoas e contrabandistas de migrantes.

Yuri Fedotov pede aos países para implementarem, o mais rápido possível, a Convenção da ONU sobre Crime Organizado Transnacional. Ele lembra que deslocamentos em larga escala de pessoas vulneráveis à violência e à exploração pedem uma resposta mais forte da comunidade internacional.

Mulheres

Pesquisas do Unodc indicam que 79% das vítimas de tráfico são mulheres e crianças. Em todas as regiões do mundo, a maioria das vítimas são estrangeiras no país onde foram encontradas.

Fedotov lembra que a meta é acabar com o tráfico de pessoas e com a impunidade dos criminosos envolvidos nas ações. Outra meta é mudar a maneira como os recursos são alocados. O financiamento precisa ser direcionado para combater a redes criminosas e seus fluxos de rendimento.

O chefe do Unodc promete trabalhar de forma intensiva com parceiros e países membros para manter o problema na agenda política e garantir a resposta mais adequada.

Yuri Fedotov participou de um evento sobre tráfico de pessoas que foca na Declaração de Nova York, documento adotado pelos países em setembro, com o objetivo de iniciarem negociações para a adoção, em 2018, de um pacto global sobre migração regular.

Pacto global sobre migração deve enfrentar tráfico humano

Reunião nesta quinta-feira deu seguimento à conferência de alto nível sobre refugiados e migrantes, realizada em 19 de setembro; segundo representante do Escritório da ONU sobre Drogas e Crime, Unodc, foram identificadas mais de 500 rotas de tráfico no mundo.

(Rádio ONU, 29/09/2016 - acesse no site de origem)

Um reunião nesta quinta-feira na sede das Nações Unidas, em Nova York, discutiu ações para combater o tráfico de pessoas.

O encontro foi organizado pelo Escritório da ONU sobre Drogas e Crime, Unodc, e a delegação da União Europeia.

Declaração de Nova York

O evento dá seguimento à conferência de alto nível sobre refugiados e migrantes, realizada em 19 de setembro.

No encontro da semana passada foi adotado um acordo para proteger os direitos de refugiados e migrantes. O documento ficou conhecido como Declaração de Nova York.

Pacto Global

Países estão agora trabalhando para criar um pacto global pela migração segura, ordenada e regular para entre em funcionamento até 2018.

O diretor da divisão para tratados no Unodc, John Brandolino, afirmou que o escritório identificou mais de 500 rotas de tráfico em todo o mundo.

Segundo Brandolino, geralmente, estas rotas seguem os fluxos migratórios. Ele afirmou ainda que cerca de 60% das vítimas de tráfico identificadas em todo o mundo por Estados-membros da ONU são estrangeiros no país de detenção, a maioria migrantes.

O diretor do Unodc citou ainda informações que mostraram um aumento da detecção de vítimas de áreas afetadas por conflito, como Síria, Iraque e Somália em países na Europa, Ásia e Oriente Médio.

Desenvolvimento Sustentável

Medidas para combater o tráfico humano também estão incluídas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que buscam criar um mundo melhor com metas como o fim da pobreza extrema e da fome até 2030.

O Unodc vai publicar seu último relatório sobre tráfico de pessoas em novembro.

Laura Gelbert com reportagem de Dianne Penn

[Aprovadas medidas de combate ao tráfico de pessoas e ajuda às vítimas do crime](#)

O Brasil terá em breve um marco regulatório para prevenção e repressão ao tráfico interno e internacional de pessoas. O Plenário do Senado aprovou nesta terça-feira (13) o Projeto de Lei do Senado (PLS) 479/2012, que ratifica acordo internacional. O texto estabelece ainda medidas de atenção às vítimas do tráfico. A matéria segue à sanção presidencial.

[\(Agência Senado, 13/09/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Pelo texto, fica tipificado o tráfico de pessoas, sujeito a pena de quatro a oito anos de prisão, além de multa. Também permanecem as circunstâncias atenuantes, como a condição de réu primário e não integrante de organização criminosa, e agravantes, como a retirada da vítima do território nacional. O projeto prevê ainda oferta de seguro-desemprego às vítimas do tráfico de pessoas submetidas a condição análoga à de escravo ou a exploração sexual.

O projeto é da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Tráfico Nacional e Internacional de Pessoas, que atuou no Senado em 2011. Sua aprovação representa adaptação da lei brasileira ao Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas (Protocolo de Palermo), do qual o Brasil é signatário.

A legislação hoje limita-se a tipificar o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual e o tráfico de crianças. Com a proposta, a legislação passa a abranger o tráfico para trabalhos forçados e para transplantes de órgãos.

Por acordo em Plenário, a pedido da senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), foi restabelecido o texto original aprovado no Senado, em vez do substitutivo da Câmara dos Deputados.

“Apenas 1 em cada 100 pessoas” é resgatada do tráfico humano

(Rádio ONU, 29/07/2016) *Informação é chefe do Escritório da ONU sobre Drogas e Crime, Unodc, em Nova York; para o diretor-geral da agência, este é um “crime parasita”; 30 de julho é o Dia Mundial de Combate ao Tráfico de Pessoas.*

“Apenas 1 em cada 100 pessoas é resgatada do tráfico humano”, de acordo com a chefe do Escritório da ONU sobre Drogas e Crime, Unodc, em Nova York.

Simone Monasebian disse à Rádio ONU que “todos os países são destino, trânsito ou origem” do tráfico humano, um “negócio” que movimenta “bilhões de dólares”. Este sábado, 30 de julho, é o Dia Mundial de Combate ao Tráfico de Pessoas.

Brasil

De Brasília, o analista de programa do Unodc no Brasil, Gilberto Duarte, falou sobre as ações que a agência tem feito para combater o crime no país. Ele afirmou que o Unodc vem trabalhando com o governo brasileiro no área desde 2002.

“Ultimamente nós temos feito uma série de treinamentos (...) além disso, nós contamos com a Ivete Sangalo, que nos ajuda a disseminar mensagens de prevenção ao tráfico de pessoas. Nós destacamos também a semana de mobilização que acontece todos os anos na semana do dia 30 de julho. Esta semana, por exemplo, a Defensoria Pública da União lançou aqui no Brasil um concurso de redação, em parceria com o Unodc e outras instituições, que é voltado para estudantes de escolas públicas.”

Para o especialista, essa é uma forma “muito interessante de levar o tema para debate nas escolas”.

Crime Parasita

Para o diretor-executivo do Unodc, o tráfico humano é um “crime parasita que se alimenta de vulnerabilidade, prospera em tempos de incerteza e lucra com inação”.

Em mensagem sobre a data mundial, Yury Fedotov afirmou que “criminosos se aproveitam de pessoas passando necessidade e sem apoio e vêem os migrantes, especialmente crianças, como alvos fáceis para exploração, violência e abuso”.

Crises Humanitárias

Fedotov ressaltou que “conflitos armados e crises humanitárias expõem as pessoas presas no fogo cruzado a um risco maior de serem traficadas para exploração sexual, trabalho forçado, remoção de órgãos, servidão e outras formas de exploração”.

Segundo o chefe do Unodc, o relatório do Escritório, que será lançado este ano, destaca a ligação entre o tráfico humano e os fluxos de refugiados de países incluindo Síria a Eritreia e envolvendo refugiados Rohingya do Mianmar e Bangladesh.

Fundo e Convenção

Fedotov pediu aos governos que ratifiquem e implementem a Convenção da ONU contra o Crime Organizado Transnacional e seus protocolos sobre tráfico e contrabando de migrantes para proteger as vítimas e promover a cooperação internacional necessária para levar os criminosos à justiça.

Ele também fez um apelo a governos, empresas e indivíduos que apoiem o [Fundo Voluntário da ONU para as Vítimas do Tráfico de Pessoas](#).

Laura Gelbert

Acesse no site de origem: [“Apenas 1 em cada 100 pessoas” é resgatada do tráfico humano \(Rádio ONU, 29/07/2016\)](#)

Para metade dos brasileiros, vítima do tráfico de mulheres busca ‘vida fácil’

(Folha de S.Paulo, 27/07/2016) Ela nutre a esperança de sair do lugar pobre ou miserável em que vive e ir para um local melhor, onde seus sonhos serão realizados. Embarca, por isso, numa promessa, mas descobre ter sido enganada. É trancafiada e explorada.

Essa mulher, vítima do tráfico de pessoas, iludiu-se porque buscava uma “vida fácil”, na opinião de 55% dos brasileiros.

Leia mais: [Operação da Interpol liberta mais de 2 mil latinos vítimas de tráfico humano \(IstoÉ, 28/07/2016\)](#)

A noção de que a vítima do tráfico humano tem uma parcela de culpa pelo crime é respaldada pela metade da população do país, como mostra a pesquisa “Percepção da Sociedade Sobre o Tráfico de Mulheres”, realizada pelo Datafolha em parceria com a Associação Mulheres Pela Paz.

O cenário, para o brasileiro, é real: 96% dos entrevistados acreditam que existe tráfico de mulheres no Brasil. Para 82%, o crime acontece em sua própria cidade. Outros 16% declararam conhecer alguma vítima, mesmo que só de “ouvir falar”.

“Essa ‘vida fácil’ é um indicativo do quanto as pessoas associam a ideia do tráfico à da prostituição. Todas as pessoas em situação de tráfico sonham com um vida melhor”, diz Cláudia Luna, presidente do Movimento Contra o Tráfico de Pessoas.

A pesquisa, feita em oito capitais do país, mostra que a primeira ideia que vem à cabeça dos brasileiros quando se fala em tráfico de mulheres é justamente a da prostituição: 12% citaram a palavra. O Datafolha ouviu 1.585 pessoas entre os dias 26 e 28 de abril, em Belém, Fortaleza, Natal, Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo, Rio e Florianópolis.

A prostituição também é a mais citada quando se pergunta “o que é o tráfico de mulheres?”. Foi a resposta dada por 31% dos entrevistados, seguida por tráfico de pessoas (30%), desrespeito (26%) e escravidão (25%).

“É um tema muito novo, que vem sendo discutido há pouco tempo. Entrou na agenda da ONU só no ano 2000, quando houve uma conferência em Palermo [Itália]. O Brasil assinou esse protocolo só em 2004”, conta Vera Vieira, diretora executiva da Associação Mulheres pela Paz.

OLHAR PRECONCEITUOSO

Para 43%, o tráfico acontece com consentimento da vítima. “Ter o consentimento não significa que a vítima está de acordo com o fato de sofrer abusos. Acaba sendo um olhar preconceituoso, estigmatizado, da mesma forma que se tem em relação à vítima da violência doméstica. É a mesma lógica patriarcal e machista”, afirma Vera.

Para ela, existe uma confusão entre tráfico de mulheres, contrabando de migrantes e prostituição com exploração sexual, sendo que a mídia, ao misturar esses conceitos, contribui para culpabilizar a vítima. Segundo a pesquisa, 66% concordam com essa visão: a cobertura da imprensa sobre o tráfico de mulheres tem viés criminal. Para 87%, falta informação sobre o tema.

Para configurar o tráfico humano, é preciso haver recrutamento, transporte e alojamento de pessoas por meio de coerção, violência e cárcere privado, com a finalidade de explorar a vítima pela prostituição ou pelo trabalho, por exemplo.

Os casos são subnotificados. “O tráfico de pessoas ainda é um fenômeno invisível”, afirma Cláudia Luna. Segundo o último “Relatório Nacional Sobre Tráfico de Pessoas”, de 2013, organizado pelo Ministério da Justiça, foram registrados, entre 2005 e 2013, 545 casos no DAC (Divisão de Assistência Consular), do Ministério das Relações Exteriores. Do total, 70% foram tráfico para exploração sexual, e 30% para trabalho escravo.

De acordo com Vera Vieira, 83% das vítimas do tráfico de pessoas são mulheres para fins de exploração sexual. “Você acaba caindo nessa construção de colocar a mulher na posição de objeto que está à venda, o que a gente chama melhor de ‘coisificação feminina’. As vítimas são jovens, entre os 18 e os 29 anos, pobres e têm baixa escolaridade, normalmente”, afirma.

Segundo ela, o tráfico de mulheres está dentro do “espectro da violência contra a mulher”. “Essa violência vem da desigualdade de gênero, essa construção milenar que coloca a mulher em condição de insubordinação em relação ao homem. Isso não é papo de feminista, as pesquisas mostram isso.” A ideia de que mulheres e crianças são as principais vítimas do tráfico de pessoas é confirmada por 68% dos entrevistados.

SERVIÇOS

Mais da metade da população brasileira diz conhecer os serviços de ajuda às vítimas do tráfico de mulheres. Os números de atendimento telefônico como o 190 e o 180 são conhecidos por 89% e 54% dos entrevistados, respectivamente. O apoio do governo, porém, é considerado ruim ou péssimo por 66%.

Para Dalila Figueiredo, que preside a Asbrad (Associação Brasileira de Defesa da Mulher), ONG responsável, ainda no final dos anos 1990, pelo primeiro posto avançado de atendimento humanizado a vítimas de tráfico humano no Aeroporto Internacional de Guarulhos, os serviços precisam ser “fortalecidos”.

“Eu tenho receio de retrocesso, não só do ponto de vista político. As ONGs estão em dificuldade, muitas delas, precursoras, já fecharam as portas. Nós temos várias barreiras para superar, sob pena de que aquilo que foi construído até agora se perca”, afirma.

Segundo ela, o posto do aeroporto de Guarulhos, mantido apenas pela prefeitura da cidade, deveria ter cofinanciamento dos governos estadual e federal. “Não pode recair todo o encargo para o município. Nossa política pública é para o mundo. Além disso, Guarulhos requer com urgência um centro de imigrações e um de acolhimento, que é algo que a gente defende há muitos anos. Toda vítima de tráfico é um migrante.”

Os dados da pesquisa Datafolha serão apresentados nesta sexta-feira (29), em evento da Associação Mulheres Pela Paz, em São Paulo.

Estêvão Bertoni

Acesse o PDF: [Para metade dos brasileiros, vítima do tráfico de mulheres busca ‘vida fácil’ \(Folha de S.Paulo, 27/07/2016\)](#)

Mais de 15 mil pessoas vítimas de tráfico de seres humanos: 76% são mulheres

(Rádio Vaticano, 21/05/2016) Aumentou o número de crianças aliciadas pelas redes de tráfico de seres humanos, segundo o relatório da Comissão Europeia que identifica os desafios nesta matéria. Ao todo, neste relatório de 2013-2014, estão registados 15.846 homens, mulheres, moças e rapazes, vítimas de tráfico de seres humanos, mas admite-se que, tendo em conta a complexidade do fenómeno, o número real possa ser muito maior.

O relatório diz que o tráfico para exploração sexual continua a ser o mais comum (67% das vítimas), depois o tráfico para exploração laboral (21% das vítimas). A maior parte são mulheres (76%) e crianças (15%).

Leia mais: [Crescente uso de 'drogas do estupro' na América Latina preocupa autoridades \(BBC Brasil, 21/05/2016\)](#)

Relatório: crianças vítimas dos traficantes

O relatório identifica um aumento acentuado de crianças vítimas de traficantes de seres-humanos e há também mais vítimas com deficiência e vítimas de etnia cigana. Por outro lado, há uma relação entre estas redes criminosas e o contexto da atual crise de migração, assim como o aumento da utilização da internet e das novas tecnologias para o recrutamento de vítimas.

O relatório diz que 65% das vítimas são cidadãos da União Europeia, sobretudo, da Bulgária, Hungria, Holanda, Polónia e Romênia. De fora da União estão identificados como países de origem das vítimas: China, Marrocos, Nigéria e Vietnã.

A Comissão Europeia reforça a necessidade dos Estados-membros implementarem o protocolo contra o tráfico de seres humanos, para aumentar a investigação e ações penais contra os autores, e garantir maior proteção das vítimas.

Acesse no site de origem: ["Mais de 15 mil pessoas vítimas de tráfico de seres humanos: 76% são mulheres \(Rádio Vaticano, 21/05/2016\)](#)

Audiência pública analisa grave quadro do tráfico de pessoas no Brasil

(OAB, 02/09/2015) Em audiência pública realizada nesta quarta-feira (2), a OAB Nacional apresentou a grave situação do tráfico de pessoas e órgãos, problema que atinge principalmente populações mais vulneráveis e pobres. O evento reuniu especialistas no assunto para debater as principais dificuldades no enfrentamento deste crime e propor soluções.

O evento contou com a participação da jornalista Priscila Siqueira, que acompanha o assunto há mais de 20 anos. Ela apresentou dados sobre o tráfico de mulheres e garotas no Brasil. Segundo a pesquisadora, o país, juntamente com a Colômbia, é o maior exportador das Américas de meninas para a indústria do sexo. A maioria das vítimas tem entre 13 e 25 anos, são afrodescendentes e baixa escolaridade.

Leia mais: [Muitos não se consideram vítimas de tráfico de pessoas, diz deputado \(OAB, 02/09/2015\)](#)

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Audiência pública analisa grave quadro do tráfico de pessoas no Brasil \(OAB, 02/09/2015\)](#)

Inscrições reabertas para audiência pública sobre tráfico de pessoas - Brasília/DF, 02/09/2015

Devido a grande procura, foram prorrogadas as inscrições aos interessados em participar da audiência pública para tratar do tráfico de pessoas e de órgãos, que acontece nesta quarta-feira (02), na sede da OAB Nacional, em Brasília.

Os interessados devem se inscrever pelo e-mail: eventosoab@oab.org.br. A entrada é franca.

Dividida em três etapas, a audiência contará com a apresentação de denúncias de casos de tráfico de pessoas e de órgãos, métodos de enfrentamento possíveis, além de uma análise das atuais políticas públicas adotadas.

Dentre os temas abordados estarão o tráfico de mulheres e meninas no Brasil, o tráfico de travestis, o tráfico no meio rural e o tráfico para o trabalho.

Para conferir a programação completa do evento, [clique aqui](#). A entrada é franca

Acesse no site de origem: [Inscrições reabertas para audiência pública sobre tráfico de pessoas - Brasília/DF, 02/09/2015](#)